

## Prova de domínio escrito da Língua Portuguesa

12 de julho de 2013

1ª Chamada

*(de acordo com o estipulado no ponto 1 do Artigo 10º do Decreto-Lei 43/2007 de 22 de Fevereiro para a ADMISSÃO AO 2º CICLO DE ESTUDOS dos domínios de habilitação para a docência - 1, 3, 4, 14 e 16)*

**Tempo de realização da prova – 2h (Tolerância: 30 minutos)**

**Leia o seguinte texto:**

### **Auto retrato**

#### **O gato e o novelo**

Sou um escritor africano de raça branca. Este seria o primeiro traço de uma apresentação de mim mesmo. Escolho estas condições – a de africano e de descendente de europeus – para definir logo à partida a condição de potencial conflito de culturas que transporto. Que se vai “resolvendo” por mestiçagens sucessivas, assimilações e trocas permanentes. Como outros brancos nascidos e criados em África, sou um ser de fronteira. Como todos os passadores de fronteira, aprendi a contornar as imposições dos polícias da identidade. Não os confronto, faço-me de morto, exilo-me para outra lógica. Dou-me bem com essa dualidade, sou um impuro que descobre nessa sujidade a sua primeira fonte de aprendizagem.

Para melhor sublinhar a minha condição periférica, eu deveria acrescentar, sou um escritor africano, branco e de língua portuguesa. Porque o idioma estabelece o meu território preferencial de mestiçagem, o lugar de reinvenção de mim. Necessito inscrever na língua do meu lado português a marca da minha individualidade africana. Necessito tecer um tecido africano e só o sei fazer usando panos e linhas europeias. O gesto de bordar me ensina que estou inventando numa outra ordem e nessa ordem esses valores iniciais de nacionalidade já pouco importam.

Nasci numa pequena cidade onde a racionalidade colonial foi incapaz de fazer assento. Os bairros brancos não lograram demarcar-se dos bairros negros e a minha infância teve um pé na casa e outro no mundo. Os jogos, a iniciação do universo chegavam-me em duas línguas, duas culturas. Cabia a tarefa de construir, dentro de mim, pontes, linhas de costura entre esses dois sistemas de conhecimento.

A minha aposta – se é que eu tenho alguma aposta – é recriar esse momento mágico em que, ainda menino, escutava os contadores de histórias nos subúrbios negros de minha cidade. A meu lado estava João Joãoquinho, meu primeiro amigo. Durante a narração, havia uma magia que nos roubava do mundo e eu e ele vagueávamos

fabulosos, levitando por lugares que a religiosidade daqueles encontros construía.

Não sou mais que isso: um contador de estórias trabalhando na tentativa de recriar essa magia. No resto, sou um biólogo, tentando introduzir suspeições poéticas nas certezas científicas. O que eu faço, enquanto escritor, queria muito conservar na esfera das coisas simples, tão simples que ninguém sabe explicar. A literatura eu a vejo com a deformação de um biólogo – simples ritual de aprendizagem de um animal caçador. O fascínio pelas histórias resulta dessa necessidade absoluta de brincar. Como todos os animais caçadores carecemos dessa aprendizagem ritualizada. Como um gato perante o novelo, assim estamos ante o texto que nos encanta. A literatura não será mais que isso: um novelo fazendo de conta que é um rato perante um gato que finge que está a caçar. **Mia Couto - JL 704, de 8 de outubro de 1997**

*Jornal de Letras nº 1114, de 12 a 25 de junho de 2013. p. 9*

Neste autorretrato, Mia Couto evoca as suas origens, a sua identidade. Com base no texto, responda às seguintes questões:

**1.** O autor identifica-se como “um escritor africano de raça branca” (linha 1). Escolhe estas condições, consciente que transporta “um potencial conflito de culturas” (linha 3).

**1.1.** Como gere Mia Couto este conflito? Responda com base no texto sem o transcrever.

**2.** Explique o significado da afirmação do autor “Não os confronto, faço-me de morto, exilo-me para outra lógica”. (Linhas 5 e 6)

**3.** Ao longo do texto, Mia Couto deambula em torno de definições da sua identidade.

**3.1.** Evidencie, com base no texto, os traços identitários com que o autor se caracteriza.

**4.** Atribua um outro título ao texto, justificando a sua escolha.

**5.** Leia o seguinte parágrafo:

“Nasci numa pequena cidade onde a racionalidade colonial foi incapaz de fazer assento. Os bairros brancos não lograram demarcar-se dos bairros negros e a minha infância teve um pé na casa e outro no mundo. Os jogos, a iniciação do universo chegavam-me em duas línguas, duas culturas. Cabia a tarefa de construir, dentro de mim, pontes, linhas de costura entre esses dois sistemas de conhecimento.”

**5.1.** Comente o parágrafo que acaba de ler. **(o seu comentário deve ter até 10 linhas)**

## Parte II

**1.** Retire do texto um exemplo de cada uma das 5 formas verbais seguintes: Presente do Indicativo, Pretérito Imperfeito do Indicativo, Pretérito Perfeito do Indicativo, Condicional e Gerúndio.

2. A seguir, apresentam-se palavras retiradas do texto “o gato e o novo”.

2.1. Identifique cada uma como nome, adjetivo ou preposição.

*de* (linha 3); *permanentes* (linha 4); *para* (linha 8); *condição* (linha 8); *território* (linha 9); *européias* (linha 11); *colonial* (linha 14); *literatura* (linha 24).

3. As frases que se seguem contêm erros de natureza diversa. Identifique-os, corrija-os e explique-os, do ponto de vista do funcionamento da língua.

3.1. Se vocês quiserem ir conosco ao cinema têm de se despachar, pois a sessão principia às três e meia.

3.2. O Quim não tem o mínimo sentido de orientação: se o deixasse-mos no meio do mercado, perderia-se entre a multidão.

3.3. Depois do notável êxito obtido com o primeiro espetáculo, o grupo de bailado voltara a exhibir-se depois de amanhã.

3.4. Tratavam-se, obviamente, de mulheres da província, pelo ar embasbacado com que seguiam o ininterrupto tráfego da avenida.

3.5. Precisam-se de serralheiros mecânicos. Oferecesse remuneração alisante.

3.6. Ela prefere ver um filme de fraca qualidade do que assistir a uma boa peça de teatro.

4. Leia o seguinte excerto.

#### **Acaso e automatismo**

Nascido em Vila Nova de Gaia a 17 de janeiro de 1922 Fernando Azevedo sentiu cedo o apelo da arte sobretudo desenhava como adianta Cristina Azevedo Tavares era um desenhador extraordinário com 12 13 anos já espantava toda a gente. Terá pesado a influência de um irmão mais velho pintor naturalista o certo é que não teve dúvidas na hora de decidir o futuro e foi para a Escola António Arroio frequentaria mais tarde o curso de Pintura da ESBAL que não concluiu dado que vinha de uma família com poucos recursos “teve que fazer-se à vida” começou logo a trabalhar como designer gráfico na empresa de exportação de cortiça de um tio depois em vários *ateliers* e em publicidade “fez montras e *stands* na Feira Popular como gostava de contar” lembra Lucília Alvoeiro

*Jornal de Letras nº 1114, de 12 a 25 de junho de 2013. p. 21*

4.1. Reescreva-o, pontuando-o adequadamente.

### PARTE III

1. Leia o texto que se segue:

#### Na escola de antigamente aprendia-se mais do que na de hoje?

Até à introdução dos novos programas de ensino primário, no período democrático, todas as crianças aprendiam, entre muitas outras coisas, as linhas de caminho-de-ferro então existentes, as suas estações e apeadeiros. Aprendiam-no, decorando os respetivos nomes. Até as crianças açorianas e madeirenses, residentes em territórios que nunca viram passar comboios, eram obrigadas a fazê-lo. Hoje, isso seria, justamente, considerado um ato de maltrato infantil. Mas nunca nenhuma criança terá sido convidada a consultar os horários, estudar o itinerário, prever as mudanças necessárias e calcular o tempo de uma viagem de comboio, por exemplo, entre Braga e Faro. Mas é este, precisamente, o tipo de exercício que as crianças que frequentam atualmente a escola são convidadas a fazer nas avaliações a que são submetidas. A escola de antigamente ensinava as estações; a escola de hoje ensina a viajar.

Na escola do «antigamente», tanto quanto na de hoje, estuda-se *Os Lusíadas*. Na primeira, era obrigatório conhecer a estrutura, identificar os tropos e as figuras retóricas, reconhecer as estórias associadas às figuras mitológicas, reportar os «heróis» e os seus feitos. Para além disso, era preciso saber dividir as orações, nas complexas frases plenas de anacolutos e hipérbatos. O estudo da obra camoniana, contemporaneamente, salvo na formação especializada, é orientado para o conhecimento e a fruição enquanto narrativa poética, capaz de despertar ideias e emoções e de favorecer o gosto pela leitura.

SARMENTO, Manuel Jacinto (2013) *Não acredite em tudo o que pensa – mitos do senso comum na era da austeridade* Lisboa: Edições tinta-da-china. p. 194-195

1.1. Elabore um comentário, problematizando a questão apresentada no texto e posicionando-se face à mesma. **(O seu comentário deve conter entre 30 e 50 linhas.)**

**COTAÇÃO:** 200 pontos

Parte I - 85 pontos	Parte II - 65 pontos	Parte III - 50 pontos
1.1, 2, 3.1, 4 - 60 pts (4x15) 5 - 25 pts	1. -10 pts (5x2) 2.1.- 8 pts (8x1) 3.1, 3.2, 3.3, 3.4, 3.5, 3.6 -18 pts (18X1) 4. 29 pts	50 pts